

## GEOGRAFIA FÍSICA E O SEMIÁRIDO: UM ENCONTRO DO FILME BACURAU COM OS CONHECIMENTOS GEOGRÁFICOS

*“O cinema é o país que faltava no meu mapa de geografia”.*

*Jean-Luc Godard (1930)*

**Jayne Oliveira Mayrink**

<https://orcid.org/0000-0001-9160-910X>

[jayne.mayrink@ufv.br](mailto:jayne.mayrink@ufv.br)

275

**Janete Regina de Oliveira**

Professora Adjunta do Departamento de Geografia

Universidade Federal de Viçosa

<https://orcid.org/0000-0003-3623-096X>

[janete.oliveira@ufv.br](mailto:janete.oliveira@ufv.br)

### RESUMO

A ciência geográfica e o cinema têm sempre muito em comum, não somente porque as relações socioespaciais são representadas pelas telas, mas principalmente porque tais representações podem indicar um alerta das desigualdades envolvidas nas articulações entre sociedade(s) e natureza(s). O cinema é um aliado do processo educativo, é capaz de fazer com que o sujeito se veja e veja ao seu redor, assim como também pode ser força motriz para trazer estímulos criativos e adicionar novas percepções de vida e mundo aos alunos e às alunas. Nesse artigo, a relação do povo sertanejo com a água é analisada através das paisagens e do enredo transmitidos no filme Bacurau (2019). Aspectos da geografia física são abordados a fim de mediar a interpretação das paisagens vistas ao longo do filme e de explorar as narrativas controversas sobre a histórica crise hídrica do Sertão nordestino. A leitura realizada se deu a partir a Teoria dos Quatro Fatores (TQF), uma teoria de autoria própria que aborda os desafios, reforça perspectivas e propõe reflexões e maneiras de contribuir com o ensino da geografia física a partir de um constante debate sobre o campo e de suas possibilidades de dialogar com produções cinematográficas.

**Palavras-chave:** Ensino de Geografia Física; Sóciohidrologia; Sertão Nordeste; Cinema.

### PHYSICAL GEOGRAPHY AND THE SEMI-ARID: A MEETING OF THE FILM BACURAU WITH THE GEOGRAPHICAL KNOWLEDGE

### ABSTRACT

Geographic science and cinema always have much in common, not only because socio-spatial relationships are represented by screens, but mainly because such representations may indicate an alert of the inequalities involved in the articulations between society(s) and nature(s). Cinema is an ally of the educational process, it is able to make the subject see and see around him, as well as can also be a driving force to bring creative stimuli and add new perceptions of life and world to students and students. In this article, the relationship of the backcountry people with water is analyzed through the landscapes and plot transmitted in the film Bacurau (2019). Aspects of physical geography are addressed in order to mediate the interpretation of the landscapes seen throughout the film and to explore the controversial narratives about the historical water crisis of the Northeastern Backcountry. The reading was based on the Four Factors Theory (TQF), a theory of own authorship that addresses the challenges, reinforces perspectives and proposes reflections and ways to contribute to the teaching of physical geography from a constant debate about the field and its possibilities of dialogue with film productions.

## INTRODUÇÃO

Bacurau é um filme nacional lançado em 2019 e dirigido por Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles. A trama se passa no oeste de Pernambuco em meio às paisagens do Sertão nordestino tendo como local principal de desenvolvimento do enredo o vilarejo que recebeu o nome fictício de Bacurau. O filme conta a história dessa comunidade que de repente passa a vivenciar situações misteriosas e fora do comum do dia a dia local. Os eventos seguintes tocam em questões quanto às percepções que o Centro-Sul do Brasil possui sobre o Nordeste brasileiro. Os personagens que representam o lado sul do país chegam a Bacurau com olhar de desprezo pelo vilarejo e pelas pessoas ali presentes, tanto é que, ao receberem um convite para conhecer o museu da comunidade, negam e não entendem porque isso seria interessante para eles, afinal, a história desse pequeno lugar ao nordeste do Brasil para eles pouco importa. Mais adiante na história, nota-se que os sudestinos estão acompanhando um grupo de estadunidenses em sua maioria composto por homens brancos, todos altamente armados que, ao chegarem em Bacurau, a primeira coisa que fazem é apagar, literalmente, a localização do vilarejo do mapa. O objetivo desses sujeitos é realizar um safári humano e o plano principal é aniquilar todos os moradores de Bacurau. Toda a reviravolta encaminhada para o final do filme não é necessária de ser descrita aqui a fim de que *spoilers* não sejam compartilhados. Além do mais, mesmo que o debate central da trama seja uma análise política e decolonial a partir dos movimentos da realidade contemporânea entre as relações norte-sul, Bacurau também toca em uma problemática histórica do Sertão nordestino que é a relação do povo sertanejo com a água. Essa relação aparece no filme de maneira bastante sutil, e por isso foi ainda mais interessante investigar os detalhes que são apresentados nas cenas e aprofundá-los a partir de uma análise geográfica.

Sendo assim, para esse artigo o objetivo é analisar os aspectos da geografia física da região sertaneja a fim de mediar as interpretações das paisagens vistas ao longo do filme e de explorar as narrativas controversas sobre a histórica crise hídrica do Sertão nordestino. Adiante, de forma mais direta, o papel do cinema na educação é discutido a partir de sua importância no enriquecimento sociocultural dos sujeitos e nas leituras de mundo que são ampliadas com o apoio dos conhecimentos de uma geografia crítica. Para isso foi criada a Teoria dos Quatro Fatores (TQF)<sup>1</sup>, esta que é uma teoria iniciante de autoria própria, desenvolvida com o propósito de debater os principais desafios ao ensino de geografia física. A teoria se desmembra em quatro fatores que carregam consigo perspectivas vistas como fundamentais ao ensino da geografia física, sendo eles: o Fator Esclarecedor; o Fator das Múltiplas Dimensões; o Fator Crítico e o Fator da Experiência. Além das reflexões teóricas, a TQF se constituiu tendo como foco colocar em prática os conhecimentos da geografia física através de diálogos com produções cinematográficas, de modo a fortalecer a interlocução entre essas duas áreas. Nas seções seguintes cada fator da teoria se debruça em aspectos diferentes, mas ao mesmo tempo complementares e que reforçam antigos debates na ciência geográfica e propõe novas abordagens.

---

<sup>1</sup> A proposição da Teoria dos Quatro Fatores (TQF) teve origem nas aulas da disciplina Prática de Pesquisa em Ensino de Geografia, na Universidade Federal de Viçosa.

## BACURAU E O FATOR ESCLARECEDOR

Quando pensamos em trabalhar uma geografia física mais esclarecedora, se torna indispensável o uso do elemento visual, assim, a explicação teórica deve caminhar juntamente com ferramentas que possibilitem representar visualmente o fenômeno estudado. Essa representação pode se dar através de imagens, desenhos, produções audiovisuais, maquetes, experimentos físico-químicos e, quando possível, o trabalho de campo. A partir do visual é que se confirma as descrições apresentadas na teoria e/ou que também se revelam novas observações. É nesse sentido que o Fator Esclarecedor (FE) tem sua preocupação voltada para a exigência de que o ensino da geografia física destaque os aspectos visuais de seus conteúdos ensinados. O filme Bacurau é o elemento visual aqui escolhido, mas antes de se firmar essa escolha procurou-se entender de que forma o filme se enquadraria na Teoria dos Quatro Fatores. O primeiro passo parte em princípio do FE, este é o fator que busca no filme as paisagens que mostram diálogos com o ensino dos conteúdos físico-naturais. Após identificar essas paisagens, elas são selecionadas e analisadas dentro de todos os aspectos que aquele fenômeno na paisagem - e no contexto do filme - apresentam na ciência geográfica. Logo no início de Bacurau, a localização da história aparece na tela: oeste de Pernambuco. Temos então o nome de um estado e a parte de sua posição geográfica que será retratada no filme, seu lado oeste. Assim, sabemos que todo estado tem sua região e que toda região tem suas particularidades, o filme é sobre o nordeste do Brasil, mas nas paisagens selecionadas a geomorfologia nos indica que as análises serão atribuídas ao Sertão nordestino. Como dito por Roberto Lobato Corrêa (1996) o Sertão é uma região que ganhou tal nome por aqueles que a vivenciaram - e vivenciam -, o povo que ali vive reconhece a existência do Sertão e sabem que são geograficamente nordestinos, mas que para além disso se sentem e se identificam também como sertanejos. Conhecer e compreender a formação e o que constitui as particularidades física e sociocultural regionais é de extrema importância para a geografia. Sendo assim, a partir da paisagem selecionada do filme Bacurau (Figura 1), as análises do F.E visam trabalhar, dentro dos objetivos deste artigo, os aspectos naturais do semiárido nordestino e suas relações e influências com a disponibilidade hídrica da região.

**Figura 1** - Paisagem físico-geográfica da região sertaneja apresentada no filme.



**Fonte:** Bacurau (2019).

A questão da água no Sertão nordestino está estritamente relacionada com suas características físico-geográficas. Para compreender os níveis da disponibilidade hídrica do semiárido, em um primeiro momento, é necessário entender a dinâmica natural de sua geologia, solos, relevos e, principalmente, sua climatologia. Vamos iniciar pela estrutura geológica brasileira que é predominantemente constituída por escudos cristalinos e bacias sedimentares, nessa região, 70% do território é ocupado pelos escudos cristalinos (SUASSUNA, 2007, p. 136). Essa estrutura geológica interfere na composição físico-química do solo e em sua profundidade. Por conta disso, os solos do semiárido são bastante rasos e, conseqüentemente, possuem baixa capacidade de armazenamento hídrico. Dentro desse contexto, as rochas cristalinas presentes nessa região, embora possam armazenar água no subsolo, a composição química de seus minerais torna essa água salinizada, tendo sua qualidade inadequada para consumo humano (SUASSUNA, 2007, p. 136).

Quanto às bacias sedimentares, estas são estruturas geológicas menos presentes nessa parte do Brasil. No entanto, sua ocorrência aparece com maior frequência no litoral e em partes do território dos estados do Maranhão e Piauí, podendo conter até 70% do volume de água do subsolo nordestino (SUASSUNA, 2007, p. 136). Diferentemente do solo formado nos escudos cristalinos, nas bacias sedimentares os solos são mais profundos, por isso armazenam mais água e, também, possui boa drenagem para transportar a água até o lençol freático, mantendo-a em melhor qualidade. O Sertão do Nordeste está dentro do que Aziz Ab'Saber (2003) denominou como *domínio das caatingas*. “Esse domínio paisagístico tem sua vegetação caracterizada como caatinga hiperxerófila. Apresenta então, as plantas cactáceas em predominância, além de arbustos e árvores com espinhos (SUASSUNA, 2007, p. 137)”. A vegetação sertaneja possui suas próprias adaptações ao clima predominantemente seco do Sertão. Os tipos climáticos serão definidos, entre outros fatores, pela média anual de precipitações. “Dessa forma, o semiárido nordestino tem suas chuvas anualmente variando entre 268 e 800mm (AB’SÁBER, 2003, p. 86)”. Os períodos chuvosos ocorrem nas estações do verão e outono, e o intervalo entre os meses de chuva é comandado pelo longo período da seca. Segundo Suassuna (2007, p. 136), o que irá caracterizar a semiaridez “[...] não é o baixo volume de chuvas caídas e sim a sua distribuição no tempo”.

Outra causa natural frequentemente mencionada para explicar o semiárido do Sertão do Nordeste é o Planalto da Borborema. Esse “[...] conjunto de grandes e pequenos maciços residuais[...].” (JATOBÁ; SILVA e GALVÍNCIO, 2017, p. 138) faz parte da geomorfologia sertaneja, assim também como suas Depressões Interplanálticas (AB’SÁBER, 2003). Por conta do Planalto da Borborema, o semiárido seria explicado por estar na área à sotavento desse relevo (JATOBÁ; SILVA e GALVÍNCIO, 2017), ou seja, a explicação do semiárido esteve comumente atribuída a questão da formação de chuvas orográficas. No entanto, como discutido por Jatobá, Silva e Galvínio (2017) mesmo que a compartimentação do relevo seja importante na análise pluviométrica do Sertão, pesquisas têm demonstrado a grande influência da massa de ar do deserto de Kalahari no Sudoeste Africano como contribuinte principal para a semiaridez do Sertão nordestino. Nesse caso, a região sertaneja do Brasil seria atingida pelo “ar calaariano” quente e seco. Desse modo, os autores Jatobá, Silva e Galvínio (2017, p. 148) concluem que o “[...] semiárido nordestino é uma consequência da circulação atmosférica e não simplesmente do resultado das influências topográficas e do efeito de continentalidade”.

Toda a explicação físico-geográfica sobre o Sertão nordestino aqui exposta veio como demonstração do que se objetiva o FE através de uma análise das paisagens do filme

Bacurau e sua relação didática com a geografia física. Antes de se adentrar aos próximos fatores para discutir a questão hídrica no semiárido, é fundamental compreender os elementos naturais que têm influência sobre isso, buscando tornar os estudos da geografia física mais esclarecedores e visuais.

### **BACURAU E O FATOR DAS MÚLTIPLAS DIMENSÕES**

No fator anterior (FE), a imagem analisada do filme Bacurau exigiu conhecimentos de geografia física para compreender os elementos naturais que interferem na disponibilidade hídrica da região sertaneja, assim como também nos forneceu conhecimentos sobre o domínio das caatingas, fazendo com que fosse possível identificar que aquela paisagem pertencesse ao Sertão do Nordeste. Agora, para trabalhar o Fator das Múltiplas Dimensões (FMD), podemos observar uma outra imagem (Figura 2) que além da paisagem física nos apresenta um elemento específico, o carro-pipa. É possível notar o nome “água potável” escrito no veículo fazendo referência a sua função de transportar esse elemento. Se no FE entendemos a relação dos aspectos físico-geográficos do Sertão relacionados à disponibilização hídrica, no FMD a atenção é chamada para a presença de um carro-pipa transportando água em um ambiente semi-árido e, é nessa observação que uma nova leitura da paisagem se inicia.

279

**Figura 2** - Paisagem com elementos naturais e antrópicos



**Fonte:** Bacurau (2019)

O Fator das Múltiplas Dimensões (F.M.D) tem o papel de afirmar a indissociabilidade entre a(s) sociedade(s) e a(s) natureza(s), mas antes é preciso saber como se dá o funcionamento e a existência das dinâmicas naturais e sociais de um local. Logo em seguida é quando se analisam as articulações, as causas e consequências decorrentes da relação entre a natureza e a sociedade num determinado tempo e espaço. É a partir do FMD que o olhar geográfico desvenda os mais diversos detalhes de uma paisagem ou de uma situação qualquer, muitos desses detalhes interagem entre si, mas isso nem sempre é perceptível. Entretanto, o FMD traz uma discussão para fortalecer a pluralidade de percepções que mantém a área física e humana sempre interligadas. Dessa forma, vimos como aspectos climáticos, topográficos, pedológicos, etc., tem influência na quantidade de água no Sertão e, conseqüentemente, afirmam essa região do Nordeste brasileiro na condição de ambiente semiárido. Ao juntarmos esses conhecimentos com a necessidade de haver um transporte que distribui

água para as comunidades sertanejas, é possível e necessário direcionar essa interpretação para discutir, por exemplo, o processo de desertificação dentro de suas causas naturais e as intensificações antrópicas desse fenômeno, assim como as consequências trazidas para os locais e a população que já vivem com a desertificação. Esse é o caso de muitas cidades da região sertaneja que, segundo os autores Tavares, Arruda e Silva (2019), convivem com ameaças da desertificação não somente pelas características do clima e do solo, mas principalmente sofrem agravamentos a partir das atividades de sobrepastoreio que envolvem as práticas inadequadas da agropecuária o desmatamento, entre outras causas.

Outra situação possível de debater a partir do FMD que ocorre no filme Bacurau é uma cena (a partir do minuto 57) na qual os estadunidenses estão conversando e se mostram surpresos por Bacurau não ser um completo deserto. Eles dizem: *“O que complica não é só o clima, que é quente como na Flórida, mas a vegetação”*. O outro personagem concorda: *“Sim, é bem mais verde do que eu esperava”*. Nesse diálogo do filme há uma relação entre a vegetação da caatinga presente em Bacurau e o imaginário estrangeiro e até mesmo de outras regiões nacionais em relação ao Nordeste como sendo um local dominado pela seca e onde sua biodiversidade não é reconhecida. Em mais uma cena é possível analisar as relações sociedade/natureza explícita no filme Bacurau, promovendo assim as abordagens do Fator das Múltiplas Dimensões, sendo este o fator que explora as profundas análises que os conhecimentos da ciência geográfica proporciona em seu ensino e na formação de cidadãos e cidadãs pertencentes de um mundo que não se desintegra em suas múltiplas interações e interpretações.

### **BACURAU E O FATOR CRÍTICO**

Ao partirmos para o Fator Crítico (FC) tem-se por finalidade —após compreender o fator anterior que revela as diversas dimensões geográficas que uma paisagem pode apresentar —promover reflexões e questionamentos críticos das relações observadas entre os elementos naturais e sociais. Ao lembrarmos do primeiro fator trabalhado, o (FE), consideramos a importância dos conhecimentos próprios à geografia física para a compreensão dos fenômenos naturais presentes e que atuam mais direta ou indiretamente no Sertão nordestino e que, por consequência, atribuem às características físicas do semiárido. A partir disso, não bastaria somente entender as abordagens climatológicas, geomorfológicas, pedológicas e vegetativas, pelo menos não quando existe uma realidade que envolve uma problemática social maior. Adquire-se então a compreensão de que há de fato uma interferência natural no que diz respeito à vulnerabilidade hídrica no semiárido nordestino. Como já foi observado, as pesquisas vêm revelando a influência de circulações atmosféricas no regime pluviométrico do Sertão do Nordeste brasileiro, esses são estudos que superam a responsabilização por essa característica ao fator orográfico. Entretanto, é ao chegar ao Fator Crítico que os fatos da geografia física sertaneja passam a ser questionados a fim de entender quais as reais razões em torno da "escassez" hídrica que tanto tem sido característica geográfica e histórica repercutida há décadas sobre a região do semiárido brasileiro. Dessa forma, a partir das paisagens e diálogos analisados no filme Bacurau que referenciam a questão hídrica do semiárido, a seguinte discussão do FC, tem-se como base para as reflexões aqui levantadas, os estudos e pesquisas de Silva, Sobrinho e Gomes (2019) quanto às ideologias e aos agentes sociais que influenciam na distribuição e no acesso e uso da água no sertão do Nordeste. Nesse sentido, os pontos principais escolhidos para serem analisados e que possibilitam diálogos com situações observadas em Bacurau referem-se: à água como produto de mercado e a desresponsabilização do Estado;

a hierarquização social do acesso hídrico; e as ideologias estruturais que naturalizam a crise hídrica.

A água passou a ser um produto mercadológico a partir do momento em que adquiriu precificação própria, ou seja, um valor necessário para ser acessada. Esse é um valor determinado pela lógica de um mercado que se apropria do elemento mais básico da subsistência humana e que, naturalmente, não deveria possuir um dono. Entretanto, a realidade sertaneja também é —e muito— inserida no sistema capitalista e nos interesses neoliberais, isso fica ainda mais evidente quando se expõe a indústria por trás dos carros-pipa que movimentam capital a partir da compra desses veículos e do serviço que estes prestarão transportando litros de água para aqueles que tenham tido condições de realizar a compra. A figura do carro-pipa aparece logo nos minutos iniciais de Bacurau, simbolizando uma realidade própria de ambientes desprovidos de água tratada do Brasil, sendo possível identificar esse elemento na paisagem em diferentes regiões brasileiras, tanto no meio urbano como rural. Eu mesma que já convivi com a presença do carro-pipa em minha paisagem cotidiana - ao Norte de Minas Gerais - não imaginava que tal transporte que distribui água de forma gratuita, planejada e coordenada pelo poder público revelaria tamanhas contradições. A partir de pesquisas realizadas, em um recorte geográfico de Catolé do Rocha no Sertão da Paraíba os autores Silva, Sobrinho e Gomes (2019) confirmam que,

O acesso desigual aos recursos hídricos no semiárido do nordeste brasileiro ainda é intenso. Junto com essa continuidade, assistimos à intensificação do comércio de água: o das grandes empresas de água mineral; o dos fornecedores de carros-pipa; e dos pequenos vendedores. (SILVA; SOBRINHO; GOMES, 2019, p. 954).

O que se observa é um interesse maior pela lucratividade em cima daquilo que deveria ser direito básico a todos os cidadãos e todas as cidadãs. No entanto, o que há de fato é uma transferência de responsabilidade do Estado para as empresas de água, colocando estas como agentes principais na distribuição do recurso hídrico, sendo essa uma característica própria de governos que se pautam pela lógica neoliberal. Segundo os autores Silva, Sobrinho e Gomes (2019):

A ausência de uma governança democrática da água, que enfrente o problema como uma questão pública, abre as portas para o mercado de águas que toma para si, em termos ideológicos, a tarefa de agente mediador para a solução dos problemas de acesso e uso dos recursos hídricos na região. (SILVA; SOBRINHO; GOMES, 2019, p. 956).

A falta de um Estado constantemente presente no agenciamento do abastecimento e distribuição de água para a população sertaneja tem por consequência, além do domínio empresarial sobre o recurso hídrico, o esforço cotidiano da população mais economicamente vulnerável para ter acesso ao uso da água em suas tarefas diárias. Tal esforço se realiza em meio a situações de precariedades, negligências e de uma dignidade humana que não é considerada. Nesse sentido, podemos falar sobre outro ponto pertinente à questão hídrica no semiárido: a hierarquização social do acesso hídrico. Quando se observa governanças políticas que se ausentam na defesa ao direito democrático de acesso à água e que possibilita caminhos para o mercado ser o regulador central da distribuição hídrica, o que acompanha tais eventos como consequência é uma hierarquia entre aqueles sujeitos da sociedade que terão mais ou menos acesso à água em relação tanto à qualidade como à quantidade. A precificação da água determina que os grupos mais abastados

financeiramente possam usufruir dos privilégios de quem se encontra no topo e, os mais pobres, de quem está na base dessa pirâmide hierárquica. Esse cenário é comumente apresentado no Sertão nordestino, e através dos termos utilizados por Silva, Sobrinho e Gomes (2019) pode-se dizer que na hierarquia hídrica nordestina existem os grupos denominados de "elite hídrica" e os grupos da "ralé hídrica". Como bem insinuam os nomes, os sujeitos da elite são aqueles que têm o acesso à água facilitado — propriamente por possuir maior capital — podendo usufruir dessa água em grandes quantidades e em melhores qualidades. São sujeitos que podem pagar por mais carros-pipa e que conseguem bancar a perfuração de um poço artesiano, restringindo e particularizando assim, dentro de seus terrenos, água suficiente para todas as suas atividades do dia a dia. Do outro lado, ou melhor, na parte de baixo dessa pirâmide hierárquica, a "ralé hídrica" é representada pelos sujeitos que muitas vezes precisam usar o dinheiro da alimentação para a compra da água ou que para ter acesso a esse recurso é preciso se deslocar, frequentemente, quilômetros para conseguir água para realizar tarefas básicas como limpar a casa, lavar a louça e as roupas, tomar banho, dar descargas, cozinhar e beber. Esses são alguns dos relatos que constam nas entrevistas feitas por Silva, Sobrinho e Gomes (2019). Além dessas atividades básicas, a pouca água que chega para esses sujeitos limita suas atividades de agricultura e pecuária, e isso é um dos aspectos que influenciam no histórico êxodo rural - as migrações forçadas do campo para as cidades. A água que não chega adequadamente a estes sujeitos, interfere diretamente no trabalho dos agricultores familiares, ou seja, em uma prática essencial para suas subsistência. Quanto à hierarquização hídrica Silva, Sobrinho, Gomes (2019) pontuam que,

A estratificação social se revela por meio de qual e quanta água se pode comprar e consumir; da capacidade de armazenamento e nas rotinas de seu uso. Quanto maior a quantidade de capital social, econômico, político e cultural, melhor e mais água se pode acessar. (SILVA; SOBRINHO; GOMES, 2019, p. 954).

Nas cenas selecionadas do filme Bacurau, além da presença do carro-pipa, são notadas as chamadas cisternas (Figura 3) que é "[...] uma das recentes hidrobiopolíticas públicas, consistindo em um Programa de construção de cisternas residenciais no semiárido brasileiro (SILVA; SOBRINHO; GOMES, 2019, p. 953)". As cisternas são utilizadas pela "ralé hídrica" e têm a função de armazenar água da chuva. Nesse caso, como foi tratado no Fator Esclarecedor, a pluviometria do semiárido é mesmo baixa, sendo assim, as cisternas apenas acumularão água da chuva nos períodos chuvosos. Isso faz com que as famílias que utilizam desse mecanismo precisem estar sempre em racionamento hídrico, e daí as questões que surgem são: quais são as medidas e políticas públicas para lidar com os desabastecimentos desse grupo social? Elas são eficientes para todos os dias do ano? Os sujeitos mais vulneráveis possuem segurança hídrica? Isso nos remete ao filme Bacurau que, em meio aos diálogos de seu enredo (a partir do minuto 55), a personagem que representa a parte Sul do Brasil escuta o personagem estrangeiro dizer que a água que ele acabou de usar "fediu", então ela comenta: "*É porque é água do poço. Cheira mal mas é segura*". A partir dessa situação podemos refletir ainda mais sobre a qualidade da água que se tem acesso as comunidades do Sertão.

**Figura 3** - Cisterna no canto direito da imagem





**Fonte:** Bacurau (2019)

Caminhando para o fim do que o Fator Crítico, a partir de Bacurau, aqui se propõe analisar, devemos considerar também as ideologias estruturais que naturalizam a crise hídrica sertaneja e que também são expostas na pesquisa realizada por Silva, Sobrinho, Gomes (2019). A primeira delas apresenta um direcionamento religioso, o qual é bastante expressivo por grande parte do povo sertanejo. Para as pessoas mais religiosas na cultura do semiárido, a chuva é vista como uma "permissão divina", quando chove ou deixa de chover, esses sujeitos entendem que esse efeito é determinado por "Deus". Nesse sentido Silva, Sobrinho, Gomes (2019) descrevem sobre o imaginário religioso dessa região dizendo que “[...] Tanto os entrevistados católicos como os evangélicos mencionaram de algum modo como variável independente causal das estiagens e dos problemas por elas causados a "vontade de Deus". (SILVA; SOBRINHO; GOMES, 2019, p. 952).

Essa forte religiosidade é uma característica estrutural da região do Sertão do Nordeste, historicamente representada em filmes, músicas e literaturas nordestinas. Isso não se mostra diferente quando o assunto é a "escassez" hídrica que acaba sendo naturalizada a partir de crenças religiosas. Para Silva, Sobrinho, Gomes (2019, p. 952) essas explicações baseadas na religião colaboram para um sentimento de conformismo por parte desses sujeitos, fazendo com que não se mobilizem para organizarem maiores movimentos sociais de luta pelo direito ao acesso à água. Ao falar de uma segunda ideologia historicamente estrutural na organização política do semiárido no que se refere à naturalização da "escassez" hídrica, deve-se também considerar as políticas do *Coronelismo*. Dentro do que se conhece pelo conceito de coronelismo temos situações de controle do recurso hídrico por parte daqueles políticos que apenas realizam suas ações a partir de interesses por votos eleitorais da população. No filme Bacurau há uma cena (a partir do minuto 28) na qual o prefeito da cidade (Tony Júnior) aparece na comunidade despejando comidas e livros na rua, ao mesmo tempo em que pede para que seja filmado a sua ação dizendo que *"Eu estou aqui para cuidar de vocês [...] a eleição tá chegando, como todo mundo sabe. Vamos continuar trabalhando juntos"*. As promessas dos candidatos dizem facilitar e garantir o acesso à água desde que a população cumpra com sua lealdade política a partir do seu voto em períodos de eleições. E mesmo que o candidato seja eleito, a água continua distante daqueles mais marginalizados, pois das promessas feitas, nenhuma de fato se concretiza com eficiência para dar garantia de direito ao acesso à água em níveis dignos de quantidade e qualidade. O que parece é que tudo não passa de encenação, assim como visto no filme

Bacurau. Portanto, essa naturalização da "escassez" hídrica apenas oculta o real descaso com o abastecimento e distribuição democrática da água para a população sertaneja.

### **BACURAU E O FATOR DA EXPERIÊNCIA**

O último fator da Teoria dos Quatro Fatores é chamado de Fator da Experiência (FEP) e foi criado na intenção de buscar refletir sobre o desenvolvimento de um ensino de geografia física significativo. Isso quer dizer que o principal desafio do FEP é tentar aproximar os conteúdos da área física com o cotidiano de alunos e alunas e com suas experiências já consolidadas. A grande questão filosófica do FEP é sobre a forma como ao compartilhar coletivamente uma experiência individual se constitui um momento de criação de uma nova experiência. Dessa forma, quando o ensino de geografia física consegue entrar em contato com a experiência do Outro, isso tenderá a ser um grande passo para que a relação aluno-disciplina seja vista como significativa, pois assim, esta pode vir a ser uma experiência emergente. A partir do desafio do FEP e de sua base filosófica podemos pensar sobre como aproximar a questão hídrica, trabalhada nesse artigo através do filme Bacurau, com experiências vividas pelos estudantes. Inicialmente é interessante e necessário analisar o contexto regional e local no qual os discentes residem. Para isso, deve-se recordar o que foi trabalhado com os fatores anteriores (FE; FMD; e FC). Assim, serão elencados os aspectos climáticos, geológicos, topográficos, vegetativos, as relações e os interesses de agentes políticos e econômicos e, também, as interações e os valores culturais dos diversos grupos sociais pertencentes ao local analisado com o elemento da água. Através dessa abordagem, os alunos e as alunas podem compartilhar suas experiências com alguma situação que tenha envolvido a água, seja essa água ligada à chuva, a um rio, a um oceano, a um esgoto, a uma enchente, a um alagamento, a um tsunami, a um sonho que marcou, a uma celebração religiosa, enfim, a água lembrada nos mais diversos contextos. Com essa atividade, o estudo da hidrologia se relaciona intimamente com as vivências dos estudantes, possibilita refletir o valor da água para a(s) sociedade(s) e através das experiências compartilhadas, uma nova relação - e nova experiência - é construída entre aluno(a) e a Geografia.

### **AINDA SOBRE O FATOR DA EXPERIÊNCIA: CINEMA, CAPITAL CULTURAL E EDUCAÇÃO**

Dentro do Fator da Experiência outra importante análise pode ser trabalhada pelo conceito de capital cultural criado pelo sociólogo Pierre Bourdieu e que aqui será trazido pela leitura da autora Olinto (1995). Basicamente, o capital cultural está vinculado à chamada cultura legítima, ou seja, àquela cultura classificada erudita, culta e restrita à classe dominante (OLINTO, 1995, p. 27). Dentro dos estudos de Bourdieu, os sujeitos que possuem contato com a cultura legítima, possuem conseqüentemente uma forma de poder sobre aqueles que não tiveram o mesmo contato. Segundo Olinto (1995),

Uma grande parte da obra de Bourdieu é dedicada à descrição minuciosa da cultura - num sentido amplo de gostos, estilos, valores, estruturas psicológicas, etc. - que decorre das condições de vida específicas das diferentes classes, moldando as suas características e contribuindo para distinguir, por exemplo, a burguesia tradicional da nova pequena burguesia e esta da classe trabalhadora (OLINTO, 1995, p. 24).

Assim, as classes sociais seriam diferenciadas não apenas pela diferença de capital econômico, mas também pelo acesso ao capital cultural. Essa bagagem cultural "legítima", intelectual, culta, artística, ao longo da história foi sendo colocada como restrita à classe

dominante, pois esta possuiria recursos econômicos e estaria já inserida em um círculo de compartilhamento desses gostos considerados mais refinados e exclusivos. Podemos então pensar nos concertos de óperas, nos clubes literários, nas idas ao teatro e aos cinemas. Em nossa sociedade contemporânea, o acesso à cultura precisa ser analisado considerando os mesmos aspectos que Bourdieu ponderou em seus estudos, como por exemplo, a influência da família e o papel da escola no tratamento ao conceito de capital cultural. O sociólogo nota o capital cultural como algo que pode ser herdado, ou seja, algo perpassado dentro do vínculo familiar (OLINTO, 1995). A família é a instituição social que será a primeira e mais presente no início da vida do indivíduo, então o consumo cultural dentro desse meio irá marcar a bagagem cultural daquela criança, daquele adolescente. Sendo assim, a escola pode ser vista como a próxima instituição social que apresentará outra cultura aos sujeitos. Entretanto, “a escola tenderia a dar valor a todas as características da cultura legítima; desde as mais sutis, como maneiras e gostos, até as mais palpáveis, como o interesse e envolvimento em cultura erudita” (OLINTO, 1995, p. 30). Há então no sistema educacional a tendência em destacar essa cultura legítima que é uma cultura hegemônica, que possui um local, gênero, etnia e raça de criação. Esta é assim a cultura do norte global, predominantemente feita nas percepções masculinas, de gente branca, estadunidense e europeia. Nesse sentido, não há como negar que no ambiente escolar essas características culturais serão difundidas. Seguindo esse aspecto, os processos hierárquicos vão sendo constituídos na escola a partir do entendimento de que cada sujeito, até então, teve oportunidades desiguais de acesso à cultura “legítima”, seja pelo recurso econômico, seja pela influência familiar, seja por ambos ao mesmo tempo. Dentro dessa análise, entra então o paradoxo do conceito de capital cultural visto em Bourdieu. De um lado, o acesso e a construção de capital cultural se manteriam restrito à classe dominante, sendo que esta evitaria que esse acesso se tornasse democrático, para que assim o consumo da cultura legítima continuasse como importante controle do poder social. Por outro lado, o acesso ao capital cultural viria como uma oportunidade de mobilidade social, seria então chance de mudança de classe social a partir do consumo pela cultura (OLINTO, 1995). Para Bourdieu, mesmo que o capital econômico do sujeito seja pouco, uma significativa bagagem cultural seria capaz de abrir caminhos para alcançar uma futura ascensão social (OLINTO, 1995, p. 28).

O Fator da Experiência, a partir de sua base filosófica na qual afirma que ao ter contato com a experiência do Outro, novas experiências surgem, pode ser colocado na perspectiva de mobilidade social através do capital cultural. No ensino, ao apresentar a cultura legítima - e também àquelas consideradas não-legítimas - aos estudantes, uma nova experiência é construída. Mas essa experiência precisa ser crítica, esclarecedora, de múltiplas dimensões. A mediação interpretativa do professor ou da professora fará toda a diferença na forma em que a cultura trabalhada será inserida na bagagem cultural daquele aluno ou aluna. Dessa forma, o filme aqui analisado, Bacurau, pode ser tratado como pertencente à "cultura legítima", pois é uma produção que se encontra fora do consumo de massa e que de alguma forma se isola em um nicho "alternativo" onde quem assiste ao filme já possui conhecimentos políticos, culturais, geográficos e artísticos prévios. No entanto, essa bolha precisa ser “estourada”, e essa ação é objetivo de uma educação crítica. Além disso, Bacurau é uma produção que se realizou pelo apoio cultural e de capital estrangeiro (da França) e nesse mesmo país, o filme recebeu importantes premiações (GOMES; TROVÃO, 2020, p. 236). Isso diz muito sobre o filme estar inserido dentro da cultura legítima quando percebemos que o suporte europeu, ou seja, um continente dado como hegemônico reconhece o valor artístico e representativo de Bacurau. Apresentar esses valores aos

estudantes retira o filme de seu nicho exclusivo aos indivíduos do meio acadêmico/intelectual e coloca-o de forma democrática e significativa aos estudantes de nível básico e pertencentes à classe trabalhadora. Daí vem a oportunidade destes estudantes, com apoio de professores (as), furarem a bolha de algo visto como exclusivo ou de difícil entendimento. Assim, novas interpretações de mundo(s) são construídas em sala de aula, algo que pode contribuir com novos interesses dos estudantes no que diz respeito às suas bagagens de capital cultural, calhando assim em um futuro de maiores possibilidades de mobilidade social.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desse artigo, a Teoria dos Quatro Fatores caminha na tentativa de combater as lacunas que podem existir no ensino de geografia física e que comprometem as riquezas das leituras que a ciência geográfica proporciona para o desenvolvimento do mundo. Juntamente com o cinema, principalmente o nosso cinema nacional, fica evidente como os conhecimentos da geografia e as denúncias cinematográficas podem contribuir para indagações que nos leve a refletir sobre as injustiças sociais no nosso país e em todo o globo. Para aplicar a TQF em produções audiovisuais alguns pontos são fundamentais. Além de assistir atentamente a estas produções, é preciso certificar a possibilidade de se trabalhar cada um dos quatro fatores da teoria, analisando quais conteúdos do ensino de geografia podem ser abordados. Para não ficar muito abrangente, é interessante delimitar uma temática e, em seguida, separar os principais conceitos que serão pertinentes ao tema e realizar uma pesquisa acerca dos mesmos. A produção que for trabalhada - filme, seriado, anime, novela etc. - também é importante de ser explorada no que diz respeito aos bastidores, para isso, pode-se ler matérias sobre como se deu as gravações, quais foram os locais, seus contextos temporais e demais curiosidades. A partir deste artigo outra conclusão é de que muitas desigualdades são até mesmo desconhecidas ou pouco compreendidas de região para região, assim problemas socioambientais e socioespaciais do Nordeste brasileiro podem pouco ser criticamente conhecidos pela população do Sudeste e vice-versa. Isso nos faz pensar que uma efetiva integração nacional precisa abranger não somente suas diferenças culturais, dialéticas, artísticas ou naturais - como muito se faz por interesse econômico ligado ao turismo -, mas também precisa expor, integralmente a todos, suas mais diversas desigualdades, seja na mídia ou na sala de aula. Nesse sentido, os problemas que envolvem a questão sócio-hídrica sertaneja há de ser uma preocupação nacional e não se manter restrita e constante à região do sertão. Por fim, saliento a importância que tem o papel de uma geografia completa, aquela que utiliza de seus conhecimentos para pensar formas de combater as desigualdades socioespaciais, caso a geografia não exponha os mais diversos tipos de desigualdades seja mais no campo humano ou físico, esta só poderia ser considerada como incompleta.

### REFERÊNCIAS

AB'SÁBER, Aziz. **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

ANGELOTTI, F.; JÚNIOR, P.I.F.; SÁ, I.B. de. Mudanças climáticas no semiárido brasileiro: medidas de mitigação e adaptação. **Revista Brasileira de Geografia Física**, n. 06, p. 1097-1111, 2011.

BACURAU. Direção de Kleber Mendonça Filho; Juliano Dornelles. Pernambuco, 2019, (132 min).

- CORRÊA, R.L. **Trajetórias geográficas**. Bertrand Brasil; 7ª edição (9 dezembro 1996).
- GOMES, A.G.; TROVÃO, F. Vilas-Bôas. O voo do Bacurau: cinema, necropolítica e [contra]violência. **Fênix: Revista de História e Estudos Culturais**, v. 17, ano XVII, n. 02, jul-dez de 2020. ISSN: 1807-6971.
- JATOBÁ, L.; SILVA, A.F. e GALVÍNCIO, J.D. A dinâmica climática do semiárido em Petrolina-PE. **Revista Brasileira de Geografia Física**, v. 10, n. 01, pp. 136-149., 2017.
- OLINTO, Gilda. **Capital cultural, classe e gênero em Bourdieu**. 1995. Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, v. 1, n. 2, 1995, p. 24-36.
- SILVA, Jairo Bezerra; SOBRINHO, Lemuel Dourado Guerra e GOMES, Ramonildes Alves. A ralé hídrica e a elite da água no semiárido brasileiro: a articulação entre o mercado dos carros-pipa, as cisternas residenciais, as hidrobiopolíticas e seus agenciamentos. Contemporânea - **Revista de Sociologia da UFSCar**, v. 9, n. 3, set.- dez. 2019, pp. 943-962.
- SUASSUNA, João. Semi-árido: proposta de convivência com a seca. **Cadernos de estudos sociais** - Recife, v. 23, n. 1-2, p. 135-148. jan/dez., 2007.
- TAVARES, V.C; ARRUDA, I.R.P. de; SILVA, D.G. da. Desertificação, mudanças climáticas e secas no semiárido brasileiro: uma revisão bibliográfica. **Geosul**, Florianópolis, v. 34, n. 70, p. 385-405, jan/abr. 2019.